Cod. 22

SERMÃO QVE PREGOV O P. MESTRE FR. ANTONIO DA Resurreiçaõ da Ordem dos Pregadores, succeſſor da Cadeira de prima de Theologia da Vniuerſidade de Coimbra, por merce del Rey noſſo Senhor.

NAS EXEQVIAS DEL REY PHILIPPE II. de Portugal, celebradas na Capella Real da meſma Vniuerſidade, em 8. de Iunho de 1621.

21820

Com licença da S. Inquiſiçaõ, Ordinario, & Paço.

EM LISBOA.
Por Pedro Crasbeeck Impreſſor del Rey.
Anno Dñi. 1621.

LICENC, AS.

VI este Sermaõ que prêgou nas Exequias del Rey nosso senhor Philippe II. na Capella da Vniuersidade de Coimbra o Doutor Fr. Antonio da Resurreiçaõ: naõ tem cousa que encontre nossa sancta Fè, ou bons costumes, antes he muy douto, & digno de se imprimir. Lisboa nesta Casa de S. Roque da Companhia de Iesus, 23. de Agosto de 1621.

D. Iorge Cabral.

VIsta a informaçaõ, podese imprimir este Sermaõ que prègou o Doutor fr. Antonio da Resurreiçaõ nas Exequias del Rey D. Philippe II. na Capella da Vniuersidade de Coimbra: & depois de impresso torne conferido com o original, para se dar licença para correr, & sem ella naõ correrá. Lisboa 23. de Agosto de 1621.

Antonio Diaz Cardoso. *G. Pereyra.*

M. Teixeira Eleito do Brasil. *Francisco de Gouuea.*

POdese imprimir este Sermaõ. Lisboa 26. de Agosto de 1621.

Damiaõ Viegas.

QVe se possa imprimir este Sermaõ, visto as licenças do santo Officio, & Ordinario, & depois de impresso torne para se taxar, & sem isso naõ correrá a 26. de Agosto de 1621.

A. Cabral. *I. Ferreyra.*

EStá conforme o original. Lisboa em Saõ Roque 8. de Setembro de 1621.

D. Iorge Cabral.

TAxaõ este Sermaõ a vintem. Em Lisboa 7. de Setembro de 1621.

Moniz. *I. Ferreyra.*

A DOM FRANCISCO DE Meneſes Reformador, & Reytor da Vniuerſidade de Coimbra.

A Offerta he pequena, o animo obrigado, & as Exequias que v.m. celebrou â Mageſtade Catholica q̃ Deos tem, em tudo ſoberanas, principalmente na inſigne Eſſa, graue, & cuſtoſa; obra bem digna de acto taõ real, & funeral. O ſermaõ (ſe pareceo bem) tambem he de v. m. pois fez a eſcolha delle, & a ventura ſempre ſerâ minha, pois a honra que a Catholica Real Mageſtade neſta Vniuerſidade me fez, poſſuî em tempo de Reformador taõ reformado, & Reytor taõ brando, graue, & inteiro, cuja illuſtriſsima peſſoa & eſtado o Senhor proſpere.

D. Fr. Antonio da Reſurreiçaõ.

Contriuit Principes Tyriorum, & omnes duces Phyliſtijm, & ante tempus finis vitæ ſuæ teſtimonium perhibuit in cõſpectu Domini; non accuſauit illum homo, & poſt hoc dormiuit. Eccleſ. 46.

AVE MARIA.

O Thema naõ he de Rey, porque hum Rey depois de morto naõ he Rey; mas he de hum Propheta ſanto, que gouernou juſta, & religioſamente, que he o que ao Rey depois de morto mais importa, o gouerno juſto, & a vida inculpauel que viueo. Tres louuores entre outros, diz o Eccleſiaſtico de Samuel, do qual ſe fala à letra neſte lugar: o primeiro vencer os Philiſteus, & quebrar as forças aos inimigos de Deos. O ſegundo antes do fim de ſua vida prouar bem diante delle, ou como Lyrano declarou, juſtificar ſua conſciencia diante del Rey Saul. O terceiro ſer bem quiſto do pouo, & naõ dizer mal delle ninguem, & ſobre iſto morrer, ou dormir, que he a phraſe com que a Sagrada Eſcritura fala na morte dos que morrem bem. *Eccleſ. 46.* *Lyran. ibi.*

Ser a preſente occaſiaõ grande, veſe cer'o em duas couſas; no ſogeito, & no lugar. O ſogeito entre os

humanos he o mayor, ſegundo quaõ grande he o Monarcha, mas he ſogeito difficultoſo, por ſer o Monarcha morto, porque a ſer pregaçaõ de hum Rey viuo ſaõ as materias mais largas por ſer mui ampla a liſongeria, a qual naõ corre neſte dia, porque os mortos naõ ſe liſongeaõ; porem encobremſelhes faltas, & deſcobremſelhes honrras, quanto mais neſte ſogeito, no qual ha pouco, que encobrir, pela virtude ſer conhecida; o lugar he dos mais nobres deſte Reyno, & dos grandes da Chriſtandade; o conſeſſo da Vniuerſidade de Coimbra taõ celebre, & illuſtre em tudo, em nobreſa, em letras, & em engenhos, em coſtumes, & em rendas. A obrigaçaõ, que daqui reſulta he grande; naõ ſendo com tudo o tempo largo para ſogeito occupado em eſtudos taõ differentes; porêm a hum mandado juſto ſeguiaſe hũa obediencia prompta.

A applicaçaõ do Thema ſe vè na propoſta delle, porque a bondade peſſoal, & procedimento de virtude da Mageſtade Catholica, que Deos tem, obriga a ſeus vaſſallos naõ termos delle nenhũa queixa, & por tanto lhe eſtá bem a palaura, *Non accuſauit illum homo*, porque nunca ninguem diſſe mal quanto da peſſoa del Rey; os eſcrupulos que o tomaraõ na hora de ſua morte, como ſe juſtificou em ſeu teſtamento, & cedula, & ſe offereceo a fazer quanto lhe foſſe ordenado por bem de ſua ſaluaçaõ, declaraſe nas

outras palauras, *Testimonium perhibuit in conspectu Domini.* Ser nosso Senhor seruido, que sua Magestade concluisse a peregrinaçaõ desta vida na força de sua idade, tambem se declara no Thema na outra palaura que diz; *Ante tempus finis vitæ suæ*, porque parece que morreo el Rey antes de tempo. As obras que fez heroycas em vinte & tres annos, que reynou, pertencentes ao zelo da Fè, paz & quietaçaõ de seus estados. A resoluçaõ sempre louuauel da expulsaõ dos Mouriscos; a tomada de Larache, & Mamora; a felicidade das victorias, que nosso Senhor lhe deu, as despezas largas de seus tisouros nas guerras de Alemanha, & Flandres, tudo & o mais está bem claro na outra palaura do Thema, *Contriuit Principes Tyriorum, & omnes duces Phyliſtim.* De tudo isto diremos, da morte, do sentimento, da bondade da pessoa, da felicidade da guerra, & concluiremos com a paz.

Duas pois saõ as cousas principaes, que a todos os olhos presentes naquelle graue, & funesto tumulo se representaõ; a morte, & a Magestade, ou hũa magestade morta. O primeiro he objecto cõmum, transe certo, & indispensauel aos nascidos, sobre o qual naõ ha, nem póde auer priuilegio algum Real. Este ponto he de pouca detença, principalmente entre gente douta, porque ainda que seja neste dia falar muito da morte, sempre enfastia; com tudo naõ será justo passar pela memoria do tumulo, sem nos

Leuit. 1. darmos hum deſengano. No Leuitico cap. 1. mandaua Deos, que na offerta que ſe lhe fizeſſe de algũa Aue lha offereceſſem muito limpa, & lhe tiraſſem primeiro as penas,& as lançaſſem *prope altare vbi cineres effundi ſolent*,em hum vaſo junto do altar onde ſe lançauão as cinzas. Bem vio Ruperto Abbade explicando eſte lugar, que pedia a rezaõ o primeiro, conuem a ſaber, que a Aue do ſacrificio foſſe offerecida ſem penas, & muito limpa, mas reparou no ſegundo, conuem a ſaber na rezaõ, porque as penas ſe auiaõ de lançar no vaſo onde eſtauão as cinzas, & reſponde com hũa moralidade, dizendo, que penas com cinzas, nenhũa couſa diz milhor, porque a Aue que o homem offerecia ſignificaua o meſmo homem que fazia o ſacrificio, & as penas ſeruem na Aue de voar, & de ſe leuantar por eſſes ares, & ſaõ ſignificadoras das vaidades com que os homẽs ſe pretendem leuantar mais daquillo que merecem; pois por iſſo, diz o douto Padre, Deos mandou, que as penas da Aue ſe lançaſſem no vaſo das cinzas, porque quiz lembrar ao homem que offerecia a rola, ou a pomba, que ſe quebraſſe bem das azas, & não quizeſſe voar muito, pois todas as pretençoẽs, & vaidades vem a parar no lugar das cinzas, quero dizer em hũa ſepultura, que aquelle tumulo nos repreſenta. *Aſellis namque pennatis auicula in altum tollitur, plu-*

Rup. lib. 1. in Leuit. c. 7.

mas ergo proijciet in cineres, ideſt, prædictas memoriæ, vel ingenij ſui facultates in ſe contemnet, aſſellas confringet, ideſt, virtutem in infirmitate deprimet, &c.

E pois a ſepultura he real, obra por certo acertada, & digna de taõ grande Monarcha, ſubamos hum pouco mais de ponto, & deſenganemos a hum Rey com hum deſengano nobre. E pois o Rey he Deos da terra, tiremoſlhe o deſengano de hum titulo de Deos: o titulo eſtá em Iſaias no cap. 41. *Ego Dominus primus, & nouiſsimus ego ſum.* Eu ſou Senhor diz Deos o primeiro, & o derradeiro: quer dizer o titulo á letra, ſou o primeiro que mandou, & ſou o derradeiro que ha de mandar. Iſto ſignifica ali nouiſsimus. *Poſt alios Rex.* Rey depois de todos; da qual letra ſe ſegue bem, que todos os mais Monarchas do mundo, os quaes ſaõ, & naſceraõ Reys, naõ ſe pódem chamar Reys primeiros, ou derradeiros; bem ſe poderiaõ chamar primeiros, & terceiros de Eſpanha, & ſegundos de Portugal: mas primeiros abſolutamente, & derradeiros, naõ. Razaõ, porque os Principes da terra naõ ſaõ Reys de todo tempo, ſenaõ ſó deſte meyo tempo entre o principio, & o fim; porque naõ foraõ ſenhores do ſeu principio, nem tambem o ſaõ de ſeu fim; quando Deos quiz começarão, & quando Deos quiz acabarão, & algũs, *Ante tempus finis vitæ ſuæ*, como diz o noſſo Thema, mais moços do que cuidaraõ. *Primus, & nouiſsimus Rex*, naõ he ti- *Iſai. 41.*

tulo de homem, he sõ titulo de Deos: ja logo por este titulo se proua bem o desengano, & que bem poderâ hũ Rey ter os quatro nouissimos como nòs. Morte, Iuyzo, Paraysò, (naõ falo hoje no Inferno, porque nem nomealo cabe neste dia.) Bem podera ter nouissimos o Rey da terra, mas ser Rey nouissimo naõ.

Confirmo este pensamento com hũa exposiçaõ moral do Psalmo 67. segundo S. Agostinho: *Deus noster Deus saluos faciendi, & Domini Domini exitus mortis.* Fala de Christo nosso Senhor, a quem celebra Dauid com muitos titulos, chamandolhe Deos nosso, Saluador senhor, & duas vezes senhor. *Domini domini*, & vltimamente diz delle, que teue a saida pela morte, porque assi entende o grande Padre aquella palaura, *exitus mortis*, & combina o fim do verso com os titulos do principio, principalmente com o segundo, *Deus noster, Deus saluos faciendi*, porque na verdade esta combinaçaõ foy muy propria, & naõ a podia auer pera nos milhor, que ser Christo Saluador, & mais morrer, & sahirse da obrigaçaõ de seu officio morrendo pelos que saluou. A qual vem a ser boa doutrina pera os Principes, & senhores que gouernaõ, porque mandar, & morrer deuem de andar juntos, ser Rey, & saluar; gouernar, & trabalhar, *Quia enim Deus erat saluos faciendi, non potuit alios exitus habere quam mortis*, conclue o douto Padre. Da qual

Psal. 67

D. Aug. lib. 7. de Ciuit. c. 28.

explica-

explicaçaõ junta a hũa verdade Theologa ſe pòdem bem colligir dous modos de deſengano pera a meſma vida de Chriſto; hum que lhe deu o ſeu officio, outro que lhe deu a ſua natureza, o officio o deſenganou, porque ja que tomou ſobre ſi o cargo de Saluador, neceſſariamente ouue de morrer pera o auer de fazer bem feito: & deſte deſengano primeiro ſe colhe outro pera os miniſtros de juſtiça, que tẽ cargos, & officios publicos, & he, que ſe quizerem tirar vida dos officios, não imitão a Chriſto, que morreo nelle; & ſe ſe quizerem ſaluar ſeguramente, naõ hão de querer tirar a vida delles. O ſegundo que deſenganou a Chriſto, foy a ſua meſma natureza, porque ſoppoſto que ſeu amor lha deu mortal, ſeguiaſe auer de ter o tranſe cõmum de todos, por mais Deos, & ſenhor que foſſe; & por tanto Dauid concluio o verſo combinando á ſaida da morte com os titulos do ſenhorio. *Et Domini domini exitus mortis*: do qual ponto ſe colhe tãobem o deſengano de hum Rey, dizendo que os ſceptros em natureza fraca combinaõ bem com as diuiſas daquella eſſa, & as mortes ſaõ muy bem liadas com as coroas, & as inſignias de dominio, & Principados ſaõ bẽ juntas com os oſſos, & as cinzas, & com os mais deſpojos da morte.

Concluo vltimamente o deſengano com hũa antiguidade, a qual traz Claudio Paradino de hũa cerimonia que ſe vſaua na coroaçaõ dos Emperadores antiguos. *Ex Claudio Paradino.*

antiguos; era que assi como lhes traziaõ o sceptro,& a coroa Imperial por insignias da posse do seu Imperio, assi no meio do triumpho diz, que apparecia hũ mestre de obras com tres ou quatro pedras polidas, & de preço, como digamos jaspes, & alabastros, & offerecendolhas em hum prato leuantaua a voz, & dezia. *Elige ab his saxis, ex quo Augustissime Cæsar, ipsi tibi tumulum me fabricare velis.* Augustissimo Emperador, vede quaes pedras destas saõ mais de vosso gosto, porque temos hũa obra que fazer. Obra em dia de coroação? deue ser algum quadro de Paços ricos pera morar, algũa famosa galaria, algũa casa de prazer, ou quinta de recreaçaõ, não, diz, outra obra he de mais importancia, a saber, hũa sepultura, ou capella, na qual vos haõ de enterrar. Ponto he este, que confirma bem os desenganos, ajuntar coroas, & sceptros da coroação cos jaspes, & pedras da sepultura, & mostra, que os titulos do nosso Monarcha taõ estendidos no Imperio do Poente, & Oriente, & todos os seus successos heroicos significados na primeira palaura do nosso Thema, *Contriuit Principes*, se podẽ muy bem fechar com a clausula, & fim delle. *Et post hoc dormiuit.* Por fim que morreo el Rey Phelippe o segundo de Portugal, & terceiro das Espanhas: naõ sigo mais este pensamento, porque não he o principal do sermão, senão só hũa amoestação.

E desta primeira amoestação, se segue logo o sen-

timento

timento, que a real pessoa se deue, porque este fundamento tomo hoje por aliuio da tristeza, prouar as rezoẽs que ha pera o sentir, pelas rezoẽs que ha pera o louuar, porque quanto hũ bem tem mais de bem, tanto mais se sente delle a falta. Quiz o Propheta Hyeremias encarecer o sentimento que auia de auer na Igreja santa da morte dos Innocentes, representou o nestas palauras. *Rachel plorans filios suos*, dizendo que Rachel depois de morta os auia de chorar, & acrescentou que as lagrimas auião de ser sem admittir consolação. *Et noluit consolari.* E dando a causa dellas, não disse, porque morrerão, senão porque lhe faltarão, *quia non sunt.* Nesta demonstração, que fazemos da morte do nosso Rey, não lhes peço sentimento, quanto por rezão da morte, porque a morte de hum bom tem muito pouco que sentir; o sentimento que peço he da falta, porque nos falta hum bom Rey. *Hierem. 31.*

O segundo filho que Eua teue pozlhe por nome Abel: ha algũa variedade entre os Doutores na interpretação do nome, duas saõ as principaes. A primeira, que Abel quer dizer, *vanitas*, a segunda que Abel quer dizer, *luctus*; a primeira he de Philo, a segunda de Eusebio, & Theodoreto, & eu de ambas me aproueito. Na primeira digo que a mãy no nome que lhe poz de Abel, pronosticou auerlhe de durar o filho pouco, & por tanto lhe poz o nome *Genes. 4*

Ex Philone iuxta hebr. Ex Eusebio, & Theod.

vanitas, o qual significa cousa que depressa passa. Saõ as palauras de Philo, *Prænuntiauit illi celerem mortem*, na segunda interpretaçaõ digo, que declarou a mesma mãy as lagrimas que a morte de Abel auiaõ de custar no mundo, & por tanto lhe chamou *luctus*, porque foy Abel hum homem muy bem quisto, & hum defunto muito chorado, pelo qual se puseraõ os primeiros dòs no mundo, chamo dòs aos sentimentos, porque estes saõ os dòs verdadeiros: & notem hũa particularidade, a qual he que de tres pessoas, as quaes na morte de Abel ficaraõ viuas, todas tres chororaraõ a Abel, as duas o chorarão por amor, & hũa por penitencia; por amor o chororaraõ seus Pays, *Ingentem luctum attulit parentibus*, & por penitencia quem o chorou? digo que o chorou seu mesmo irmaõ, & que o mesmo homicida que o matou, esse mesmo o chorou, & prouo o do Texto santo, porque entre os castigos que Deos lhe deu, foy que andasse sempre gemendo, & dando ais sobre a terra, *Eris gemens, & tremens super terram*; pois porque gemeo o maluado? naõ foi em pena da mesma morte? pois segue se logo muito bem, que foraõ os seus ais em penitencia, & que andou o enuejoso irmaõ toda a vida chorando ao bom em que lhe pez: mas que bom exemplo daqui se tira, pera os nojos presentes, & de quam longe tem seu principio a variedade de enojados, que ha na morte dos grandes, digo que da

Theodo.

Geneſ.4

primeira

primeira morte que ouue no mundo tiueraõ os nojos o seu principio, & taõbem a diuersidade delles, por onde nas mortes dos Monarchas ha nojos de muitas maneiras, porque hũs se enojaõ por amor, & outros por obrigaçaõ, & outros por interesse, hũs pelo bem que lhe quizeraõ, & outros pelo que perderaõ, & assi fica sendo em hũs o enojo amor, & em outros penitencia: & porem de todos estes nojos se póde perguntar, quaes nos cabem na morte deste Monarcha? E se podia responder, que os nojos de penitencia: porque se a penitencia supoem culpa, exemplos temos na Escritura, em que por peccados de vassallos quiz Deos que ouuesse perdas de Principes. Com tudo naõ pondo a culpa desta perda, a vassallos taõ honrados, digo, que os nojos que lhe deuemos saõ de amor, & obrigaçaõ, como podemos ir vendo accomodando a nosso Rey as interpretaçoẽs do nome Abel, & depois as prendas da pessoa. Sentio Eua a Abel pelo nome *vanitas*, porque lhe durou aquelle bem pouco. Tambem Espanha póde chorar a el Rey por esta via, porque cahio este Principe como em frol, ao menos naõ era fruito de annos maduro, & bem pudera ter a luz da vida mais trinta, pera comprir bem a idade do graõ Phelippe seu pay. Ainda que neste particular achey hum dito bom de Seneca, o qual parece que fauorece nos homẽs velhos aquelle natural desejo que tem de serem

Senec de remedijs fortuit.

mancebos. *Quicunque ad extremum fati sui venit senex moritur, non enim refert quæ sit ætas, sed quæ sit meta,* quer dizer o Philosofo, que a velhice se naõ ha de computar pelos annos, senaõ pelo termo que Deos deu a cada hum, de sorte que quem chegou ao termo he velho, ainda que morra mancebo; & quẽ naõ chegou ainda a elle he mancebo, ainda que o acompanhem as brancas; donde nasce q̃ os velhos curiosos, os q̃ gastaõ ainda as suas horas em se affeitar, & cõpor, podem escusar de pintar as brancas, porq̃ em quanto saõ de condiçaõ verde, de saã disposiçaõ, & duradouros, saõ mancebos, ainda q̃ naõ na idade, assi como os mancebos doentes, & achacosos saõ velhos, porque tem em mais breues annos o seu termo, donde se segue, q̃ el Rey nosso senhor, por causa de seus achaques velho morreo posto que naõ nos annos.

Mais. Sentio Eua Abel, pelo nome, *luctus*, o qual nome lhe deu a sua bõdade, porque foy chorado por ser bom homem, (que só estes pela falta que no mũdo fazem merecem lagrimas, porque quãto os maos naõ fazem falta) vejamos esta rezaõ de nojo em el-Rey. As virtudes de que foy dotado Abel, foraõ principalmente tres, deuaçaõ, honestidade, & humildade. A deuaçaõ prouase pelo sacrificio, o qual Deos lhe acendeo do Ceo, & approuou, *Inflãmauit Dominus super Abel.* A honestidade, & humildade se proua pelo bõ nome, q̃ o homem ganhou no mũdo, ser chamado

Genes. 4

exemplo de innocentes, porque as duas virtudes que mais honraõ o homem saõ ser honesto, & humilde. Applico estas virtudes a el Rey começando pela deuaçaõ, & de proposito começo por ella, porque he hũ dos bẽs, que pertencem ao espiritual, & Ecclesiastico, o qual precede sempre ao secular; & tambẽ porq̃ se me offereceo hũ lugar proprio da santa Escritura, o qual proua que a primeira condiçaõ do Rey, ha de ser, ser homem deuoto, & amigo do espiritual. No primeiro liuro dos Reys cap. 10. quando Deos escolheo a Saul, diz o Texto que era bõ homem, & que o naõ auia em Israel milhor, nẽ na fermosura do corpo, nem nas virtudes de sua alma, porque ambas estas cousas se significaõ naquella sabida palaura, *Non erat in Israel melior illo*, Pagnino lê, *pulchrior illo*. E com tudo disselhe Samuel, que o primeiro final que lhe daua, de Deos o auer escolhido, era que entrando na Cidade, auia de encontrar hũa procissaõ de Prophetas, os quaes auiaõ de vir com grande festa tangendo, & cãtãdo, & dando louuores a Deos, & q̃ Saul em os vendo lhe auia de dar o spirito, & meterlè na procissaõ, & entrar no Coro com elles. Assi explicou bem, & a letra Abulense aquella palaura do Texto, *Insiliet in te spiritus Domini, & prophetabis cum eis*, dizẽdo, *spiritus ibi significat influxam vim in eius intellectu, per quam sciuit mirabiles Dei laudes pronuntiare*. Aquella palaura, *spiritus*, diz Abulense declarase bem pela outra,

1. *Reg.* 10

Pagnin.

Abul. ibi q. 6.

prophetabis, como a cauſa pelo effeito, & a palaura, *prophetare*, na Eſcritura ſignifica muitas couſas, naõ ſomente ſpirito de prophecia propria, ſenaõ ſpirito de virtude, ſantidade, & deuaçaõ, & neſte lugar ſignifica eſte vltimo, oraçaõ comũa, deuaçaõ da Igreja, aſsiſtencia dos diuinos officios, ajudando, & ſeruindo nelles, emfim atè a graça de cantar, de tocar os orgaõs no Coro, & dizer os louuores de Deos. Iſto quer dizer ali, *prophetabis*, como na verdade Saul aſsi o fez, entrou no Coro com os Prophetas, cantou, & ajudou a prociſſaõ: & he caſo eſte bem digno de ponderar, & de fazer hũa pergunta a Deos, ſe por ventura eſcolhia a Saul para Religioſo, ou para Rey, porque ſe a eſcolhia era de Religioſo, muito bom era o ſpirito que lhe daua, ſpirito de cantar, de rezar, de ir ao Coro, de acompañar a prociſſaõ, bom ſpirito, & principaliſsimo, porque eſte he hum dos principaes ſpiritos, naõ ſó religioſo, mas de todo eſtado Eccleſiaſtico, ter Coro, cantar, rezar, naõ ſomente no particular, ou no canto do Oratorio, & Igreja, ſenaõ no cõmum, & em companhia dos irmaõs, pſalmeãdo, alternando, & reſpondendo, & dizendo, *Alter ad alterum, Sanctus, Sanctus*, como os Anjos de Eſaias, ſpirito auido per tradiçaõ Apoſtolica, confirmado pelo vſo dos ſantos, approuado pelos Pontifices, por onde digo, que ſe Deos eſcolhia a Saul pera Religioſo, bem me eſtà o ſpirito que lhe daua, *o prophetabis cum*

Eſai. 6.

eis

eis: mas se Deos o escolhia pera Rey, & em occasiaõ difficultosa, na qual auia de reparar o Reyno das injurias do gigante, & assentar os costumes do pouo mais prudentemente do que o fizeraõ os juizes antepassados; esse pois era o brio que lhe daua pera acometer o Philistheo? essa a prudencia,& valor pera executar as obras de justiça? & naõ fora mais conueniente, que o primeiro lugar a que leuasse o eleito fora a hũa casa publica, & a hum tribunal de Relaçaõ ver como se fazia hũa justiça? a hum conselho de guerra, ver como se prouia a Capitania? a hum almazem das armas, ver se tinha a Republica bastantes bastimentos? Respondo com hũa doutrina de S. Agostinho no liuro 5. de Ciuitate, onde largamente descreue a differença que ha de auer dos passos do Rey Christaõ, aos passos do Rey Gentio, porque Reys Gentios ouue grandes Respublicos, & no gouerno do temporal muy excellentes, os quaes gouernando bem mundanamente se foraõ caminho do inferno, porque lhes faltou o principal,que foy o bem de suas almas, o tratar de Deos, & do spirito: auiso, que Deos deu a Saul no primeiro dia de sua eleiçaõ,pronosticandolhe por ventura auerse de perder por mundano, mandou o meter na Igreja entre os frades,com os Prophetas, como encaminhandoo ao spiritual,ao seruiço de Deos,a deuaçaõ dos lugares santos,ao amor das Religioẽs,como se claramẽte

D. Aug. lib. 5. de Ciuitat. c. 24.

lhe

lhe disseſſe, naõ ſois Saul eleito Rey dos Gentios, ſenaõ Rey, & Principe de Iſrael; por onde na deuaçaõ dos Prophetas, na companhia dos virtuoſos, no zelo do diuino culto, no tratamento da alma, & da virtude: dahi aueis de colher, & tirar, fazeruos Deos merce, & venturoſo no temporal.

Mas porèm que exemplo eſte pera os louuores do noſſo Rey. *Erat Ioſeph incunctis proſperè agens: erat vir aſſequens*: Principe feliciſsimo foy eſte grande Monarcha, ſucceſſos proſperos, & glorioſos teue na guerra, & na paz. A primeira cauſa de todos elles foy Deos: a ſegũda a ſua deuaçaõ. Foy parte eſta em que foy inſigne el Rey deſde o principio da ſua vida, foy homem ſempre eſpiritual, amigo de Deos, deuoto: o que prouo com duas couſas: a primeira, a continuaçaõ dos Sacramentos ſantos, porque ſua Mageſtade todos os ſabados ſe confeſſaua, & comungaua, elle, & a familia real; & naõ he pequeno eſte louuor pera hum Rey, viuer na vida taõ apontado, que lhe naõ paſſaſſe na ſomana o dia da confiſſaõ. Tambem ſe proua o meſmo intẽto com a particulariſsima deuaçaõ q̃ a Mageſtade Catholica ſempre teue á Virgem noſſa Senhora ſantiſsima, & puriſsima, pretendendo com ſeu zelo pio autorizar mais ſua deuaçaõ, impetrando de ſua Santidade, ſe poſsiuel foſſe, hũa definiçaõ. Eſte ponto eſtà tratado, mas faltoulhe hũa cõfirmaçaõ; a qual tiro de hũa carta que a Santidade

Gen. 39

de

de Paulo quinto de memoria glorioſa reſpondeo a el Rey noſſo ſeñor, eſcrita em 19. de Ianeyro de 1619. a vltima deſta materia, na qual o Summo Pontifice, louuando com muitas palauras a deuaçaõ del Rey, & dandolhe porêm as cauſas de naõ poder ſatisfazer de todo ao que lhe pedia, entre muitas palauras, diz aſsi, *ſunt verba textus. Sed cum de hoc negotio maturê deliberauerimus, viris doctis, & prudentibus in conſilium adhibitis, & quod caput eſt, multis precibus ad Deum effuſis, vt nobis quid agendum eſſet per Spiritum Sanctum oſtenderet, aliud decernendum non eſſe, conſcientia noſtra dictauit, quam quod decretum eſt.* E porque ſua Mageſtade auia mandado por Embaixador, & agente deſte negocio ao Biſpo de Carthagena, o qual orou em deuaçaõ, & exhortaçaõ delle diante de ſua Santidade: ouuido o orador, concluio ſua Santidade. *Et licet poſtquam eundem Epiſcopum oratorem tuum audiuimus, iterum de re maturè deliberauerimus, nihilominus ſententiam minimè mutare iudicauimus*: da qual repoſta de ſua Santidade colho quatro couſas breuemente. A primeira, que ſeja perafempre louuada a Virgem noſſa Senhora, & a deuaçaõ ſãta, & pijſsima de ſua puriſsima Conceiçaõ. A ſegunda q̃ ſeja louuada a deuaçaõ del Rey N. ſeñor, no zelo pio, & deuoto cõ q̃ a pretẽdeo leuar adiãte, autorizar, & acreſcẽtar. A terceira q̃ ſeja mais louuada a ſua muy grande obediencia, em que como filho da S. Igreja, & Principe taõ Catholico,

Ex Epiſ. ſummi Põtificis ad Regẽ Cathol.

ſogeitando ſua deuaçaõ ao juyzo della, naõ replicou mais a ſua Santidade: a quarta que naõ ha que duuidar, que os decretos dos Pontifices em materias ſpirituaes, & Eccleſiaſticas, fazem a proua mais efficaz, que os ditos de Reys, & Emperadores, por onde deue ſer eſtranhado, quẽ fóra de ſua profiſſaõ ouſa inaduertidamente a falar em materia graue, naõ difinida, na qual ſegundo ſe tira da carta do Pontifice, os tymoratos oraõ, os prudentes calaõ, os doutos naõ reſoluem. A ſegunda proua da deuaçaõ del Rey, he a muita que ſua Mageſtade tinha âs peſſoas Eccleſiaſticas; principalmente Religioſas. E ſe hum dos effeitos da amiſade ſaõ as viſitas peſſoaes, muy cõtinuo era el Rey noſſo Senhor nas viſitas dos moſteiros, & quando veyo a Lisboa, naõ lhe leuou muito tempo a caça, ou as quintas, porq̃ as tardes de recreaçaõ as repartio pelos moſteiros, & o mayor mimo q̃ nelles nos fez, foy aceitar os noſſos agazalhados, & querer q̃ nas mezas dos Religioſos humildes ſe aſſentaſſem taõ altos, & poderoſos Principes; & tenho eſta por hũa beneuolencia grande com que ſua Mageſtade tratou os Conuentos, & Religioẽs de Portugal. Outra proua tinha neſte particular mais efficaz, nem deixarey de a dizer por ſer de caſa, porque o que ſe faz a hũa Religiaõ, tambem ás outras alcança, quanto ao titulo cõmum. Quãdo naſceo o Principe Rey noſſo que hoje he, & ſe tratou do ſeu baptiſmo, reſolueoſe

el Rey

el Rey de o baptizar, naõ na Sé, nem na ſgreja maior de Valhadolid, nem em ſua Real Capella, ſenaõ em hum moſteiro de Religioſos, qual foy o celebre Cõuento de S. Paulo da Ordem dos Pregadores, & a Pia em que o baptizou, tambem foy em que fora baptizado hum Santo frade, & a mandou vir el Rey dahi a muitas legoas do lugar de Callaroga, porque nella fora baptizado o Patriarcha ſaõ Domingos, & ſe eſte lanço foy de amor de ſua Religiaõ, ſem nòta pòde ſer apontado, & dizer que o pay afeiçoado parece q̃ quiz afeiçoar o herdeiro, & no meſmo nome que lhe deu cõ o character baptiſmal. (Philippe victor Dominico) deixarlhe impreſſa na alma a deuaçaõ do lugar, onde recebeo a primeira graça. E iſto quanto á deuaçaõ.

Baptiſatur valli ſoleti Princeps Philipp.

A ſegũda virtude de Abel foy honeſtidade, a qual ſe proua em ſua Mageſtade com hum louuor de Salamaõ. *Venter eius eburneus*, diſſe a Eſpoſa delle, que o ſeu peito era de marfim; os ſetenta lem, *pixis eburnea*, copo de marfim: o marfim he ſymbolo conhecido da caſtidade, porque o Elephante, ſegundo os naturaes he animal caſto, aſsi como Salamaõ taõbem o foy em ſeu principio, poſto que em velho ſe prophanou, como a muitos acontece. E por quanto o coraçaõ humano, ſe diz ſer o lugar dos penſamẽtos, por tanto a Eſpoſa ſanta neſte louuor lhe chamou, coraçaõ de marfim, calix de limpos penſamentos: titulo

Cãtic. 5.

Secundũ verſionẽ ſeptuag.

he eſte que conuem ao noſſo Rey,& bem lhe pòdem chamar largamente peito,& coraçaõ de marfim,aſsi por ſua natural ſingeleza, que foy hũa põba ſem fel, como por ſua honeſtidade; calix foy de limpos pẽſamentos. Viuuou el Rey mãcebo,& era Rey,& todauia foy honeſto Rey. Prouada eſtá eſta virtude nelle pela fama,& credito q̃ tinha em ſua Corte, eu a confirmo com o ſeu eſcrupulo,porq̃ ſou de opiniaõ q̃ ſer hum homem eſcrupuloſo, he argumẽto muy grãde de ſer honeſto (falo daquelles que ſaõ eſcrupuloſos pera ſy,& naõ ſomente pera os outros,)& a Mageſtade Catholica que Deos tem, era taõ timido em ſua conſciencia, que ſe refere delle hũa palaura muitas vezes repetida .ſ. que naõ ſabia qual era o homem, que ſe podia acoſtar a noite eſtãdo em peccado mortal:boa palaura, & bem ſe póde chamar de Rey. A virtude da honeſtidade he cõparada na ſanta Eſcritura a cinto, & a comparaçaõ eſtá no meſmo Texto. *Venter eburneus*,quer dizer peito cingido : & taõbẽ no Euangelho de S. Lucas: *Sint lumbi veſtri præcincti*,porque ali ſegundo ſaõ Gregorio, *Lumbos præcingere*, val o meſmo,que, *caſtitatem ſeruare*; o cinto ſerue de duas couſas; de concertar o veſtido,& de apertar o corpo, & hũa peſſoa ſem cinto,por mais rico veſtido q̃ tenha naõ póde parecer muito airoſa. Aſsi he a honeſtidade, he o cinto das virtudes,enfeita, & mais aperta: o meſmo he iſto, que dizer, que faz hũa alma con-

Luc.12. D.Greg. ibi.

certada,

certada,& aperta a consciencia,& a faz andar timida, & escrupulosa: ao contrario do vicio, porque outros vicios ha maiores que o da sensualidade, porêm este mais que todos descompoem, desconcerta, & faz a pessoa despejada: & he propriedade sua alargar, & afroxar a consciencia; de mà maneira se chega hum deshonesto ao Sacramẽto da confissaõ. Pois se o vicio da sensualidade se proua pelo despejo, & a virtude da honestidade se proua pelo escrupulo, bẽ se segue da vida apontada del Rey, de sua consciencia timorata, da frequentaçaõ dos Sacramentos, de se sentir dentro em sua alma daquelles que andauaõ em mao estado, auer sido hum Principe muy honesto. Confirmase mais nelle esta virtude cõ hum louuor que achei em Plinio em hum Panegirico de Trajano, diz o Autor que quando o Emperador hia visitar os seus estados, que naõ tinhaõ os pouos que temer, nem os pays de suas filhas donzelas, nem os esposos das esposas, porque segura podia estar a Cidade toda, de Trajano lhe prejudicar na materia, nem em hum minimo pensamento. *Nec ego in laudibus tuis ponam, quod aduentum tuum non pater quisquam, non maritus expauit, affectata alijs castitas, tibi ingenita.* E se a este lugar ajuntarmos outra nota de hum bom historiador, o qual disse que auia obseruado, que mais Reynos se perderaõ por Principes deshonestos, do que por Principes crueis, porque

Plini. in Panagirico de Trajano

a crueldade faz a hum Rey temido, mas a deshonestidade falo desprezado, & o desprezo he mais perjudicial q̃ o temor. De ambas estas cousas podemos colligir quanta dita será de hũa Republica alcançar hum Rey brando, & honesto, o qual nem por cruel seja temido, nem por sensual desprezado: & quanto neste louuor me dem licença pera leuantar mais a voz, & fazer hũa acclamaçaõ a nosso Rey, dizendo. Ah meu Rey, a quem hoje louuo, & me faltará tempo pera vos louuar; chameuos alguem froxo muy embora, porque eu naõ vos chamo senaõ manso, & contentome com ser certo, qne ninguem vos poderá chamar, nem cruel, nem deshonesto, pois em vinte tres annos que reinastes, & nas entradas que fizestes nas Cidades de vossos Estados, nem mataste a ninguem, nem affrontastes. bem podiaõ as donzelas, & as matronas deste Reyno estar seguramente às janelas, & discorrer as damas pelos muros, quando vos viraõ ir taõ fermoso, que naõ hia mais fermoso o casto Ioseph, quando triumphou em Egypto, dizendo do tal triumpho a Escritura, *Filiæ discurrerunt per murum.* (Ah fado desenganado, & quem auia de cuidar, q̃ em termo menos de dous annos, auiamos de sentir nestas demonstraçoẽs publicas morto, a quem com taõ soberano triũpho festejamos, & celebramos viuo.

Gen. 49.

A terceira virtude de Abel foy humildade, louuo a el Rey nesta virtude por dous titulos, hum por sua

pouca

pouca vaidade, outro por ſua deſcendencia, & fermoſura de geraçaõ: prouo o primeiro, a ſaber, ſua pouca oſtentaçaõ com hum lugar do Propheta Daniel no cap. 7. em que fala do dia do juyzo. *Iudicium ſedit, & libri aperti ſunt.* Haſe de aſſentar o juyz, & haõ ſe de abrir os liuros. Pergũta S. Agoſtinho, & ſegueo S. Pedro Damiaõ, & outros Padres, que liuros ſaõ eſtes que ſe haõ de abrir? A cõmum expoſiçaõ he, que ſaõ os liuros das noſſas obras, porque como o liuro he de conta, haõſe de conferir os liuros das deſpezas dellas com os liuros do recibo dos talentos, q̃ Deos nos deu. Mais adiante vay S. Agoſtinho, dizendo, q̃ os liuros metaphorica, & moralmente ſignificaõ os homẽs juſtos, *In quibus oſtendet Deus mandata ſua, quæ ab omnibus obſeruari voluit*, porque nos coraçoẽs dos juſtos eſtaõ eſcritos os preceitos todos da Ley de Deos, guardados, & muy bem guardados, o qual entendimento confronta com o modo de falar de Hyeremias. *Dabo legem meam in viſceribus eorum, & in cordibus eorũ ſcribam eam.* Da qual explicaçaõ ſe ſegue bẽ, que pois o dia do juyzo he dia publico, dia de audiẽcia, & de conta, ha de fazer Deos praça daquelles caſtos, & humildes coraçoẽs, & dar com elles de roſto aos danados, aſſoalhandoos publicamẽte, & moſtrando como hão ſido vaſos limpos de obediencia, & retratos de amor do Ceo. Aqui entra Saõ Pedro Damiaõ notando mais particularmente a palaura,

Dani. 7.

D. Aug. li. 20. de Ciu. c. 14 Idẽ D. Gregor. magn. li. 33. moraliũ c. 6.

Hiere. 31

D. Petr. Dam. epiſt. 3. c. 3.

aperti sunt, & fazendo esta consequencia, se pelos liuros se entendem os justos,& os liuros no dia do juizo se haõ de abrir,bem se segue que no tempo da vida foraõ os justos,liuros fechados. O argumento he muy bom, & a conclusaõ em si verdadeira, porque hũa das propriedades grandes da virtude, he naõ se assoalhar, ou os tentar, antes fecharse, & esconder as suas prendas, por onde o justo com muita rezaõ se chama liuro fechado, por quanto encobre sempre suas virtudes, & a humildade saõ as brochas cõ que este liuro se fecha: ricas palauras de Saõ Pedro Damiaõ: *Quorum nunc meritum per custodiam humilitatis absconditur,& tanquam volumen codicis ne legatur inuolutur*, chamou ao coraçaõ do justo, codice,& volume muy bem escrito de materia substancial, douta, & engenhosa; mas porêm liuro enrolado,& guardado,& fez porteira do liuro a humildade. Ponto bem necessario pera letrados, & comparaçaõ assaz propria de mestres, porque como a nossa fazenda saõ os liuros, naõ pòde ser pera nos mais propria semelhança,que a cousa de que mais tratamos, digo pois que inda q̃ assi seja,que os liuros deuem estar no estudo do doutor abertos, porque não ha letrado com liuro fechado; com tudo não corre esta rezão na pessoa, porque o douto,& o mestre não ha de ser liuro aberto, vaõ, ostentatiuo, & glorioso assoalhador de suas mesmas prendas, *Liber, inuolutus, signatus est enim*. São muy

bon

bons titulos de letrado, segundo o preceito da sabedoria. *Laudet te os alienum, & non tuum*: & applicando este liuro a el Rey, quem maior Monarcha que elle? & quem mais humilde que elle? Pequeno era el Rey do corpo, porêm fermoso do rosto, humilde no gesto, modesto no trato, nada pomposo, pouco difficultoso, menos ostentatiuo, naõ vaõglorioso; composto nos olhos, humilde na fala, grandemente modesto, liuro enrolado; lá o achareis senhor. E confiado sou da misericordia de Deos, que ja neste dia aja elle desenrolado no meyo dos bemauenturados este liuro.

A segunda proua da humildade, he a sua geraçaõ, & louuaremos nella os Principes, segundo pensamento de S. Ambrosio. Considerou o douto Padre explicando hum lugar do segundo liuro dos Reys a humildade de Dauid, quando dançou diante da Arca, & a soberba de Michol quãdo da janela o desprezou, & depois o reprendeo, chamãdoo de chocarreiro, & de figura de dançaș, *Quasi vnum de scurris*. E nota o douto Padre a clausula có q̃ o Texto santo fechou o processo desta historia, dizẽdo: *Igitur Michol filiæ Saul, non est natus filius vsque in diem mortis suæ*: por tanto a Michol filha de Saul, naõ lhe nasceo filho em todos os dias de sua vida. A palaura, *Igitur*, he relatiua, & faz della com rezaõ caso S. Ambrosio, perguntando porque naõ auia de ter filhos esta molher, 2. Re. 6.

sendo a primeira que Dauid teue, Princeza filha de Rey, porque auia de morrer sem herdeiro? E respõde que foy castigo,& que o fez Deos em pena de sua soberba, *Scilicet quia superbam Michol, idcirco Deus sterilem fecit.* E porque por ventura naõ ter filhos he castigo, & pena da soberba? Respondo, que muy propria,& necessaria; propria,porque assi como a soberba he de todos o maior peccado,assi he bem que tenha o maior castigo: & pera hum homem nobre,rico, cazado, & soberbo, que pena maior lhe quereis vós, que priualo Deos de ter herdeiro? Digo que a esterilidade he pena propria, & a dæquada da soberba. Tambem he pena necessaria pera a Republica, porque o mundo naõ tem necessidade de soberbos, nem saõ nelle de proueito: & assi mais conuem que o soberbo seja maleficiato, & frigido, pera que naõ possa gerar outro; & assi outro soberbo, outro; nem creça a linha dos soberbos: *Igitur superbã Michol,&c.* Mas he de notar no mesmo lugar, que dando Deos este impedimento a Michol, todauia naõ o deu a Dauid,porque Dauid, que foy humilde teue filhos, porèm naõ os ouue della, porque naõ quer Deos sangue de misturas,& assi como naõ quiz que o sangue soberbo danasse o sangue humilde, taõbem naõ quiz que a soberba della inhabilitasse a humildade delle. Pois deste lugar assi ponderado faço agora o argumento em proua da humildade del Rey,dizen-

D.Amb. li.3.Epistol.c.30

93.

do, que se a inhabilidade da geraçaõ he boa proua contra a soberba, segueſe ser boa proua da humildade, a habilidade, & fruito da geraçaõ, principalmente nas cazas illustres, & grandes, as quaes tem estados de herdar, logo a fermosura dos filhos da Magestade Catholica, os quaes Deos em sua mocidade lhe deu, & poderse dizer da soberana Margarita pera com elle, *Vxor tua sicut vitis abundans in lateribus domus tuæ*, he grande proua da humildade de ambos. E porque vejamos esta verdade por exemplo, peçolhes que estendaõ os olhos, leuando o pensamento ate Madrid. Por ventura naõ estaõ ali viuos quatro planetas, os quaes se podem igualar com os milhores do Ceo? Viua mil seculos esse sol nouo Rey, & Principe soberano, sol lhe chamo na fermosura, & no imperio vniuersal com que ate os Antipodas alumia: & seguindo a semelhança comparo o Infante Carlos a Marte, o Cardeal Infante a Iuppiter, a Infanta Margarita a Venus, & a Raynha de França a hũa lua soberana, a qual do nosso Emispherio se passou a alumiar os orizontes do Norte. Parecemlhes fermosas estas estrellas, ou estes sinco diamantes? pois digo q̃ foraõ partos da humildade, & que os deu Deos por premio della ao virtuoso Phelippe, & soberana Margarita, a elle comparo eu a Dauid, mas a ella naõ a Michol, senaõ a outras Matronas mais famosas, as quaes Deos por humildes fez máys, Sara, Rebbecca, *Psal.127*

ou Rachel. E no argumento deſtes louuores funeraes? naõ pode ficar menos fermoſo entrarẽ os filhos com o pay, porque antes eſte he hũ dos preceitos de louuar, que nos enſina o Eccleſiaſtico no cap. 11. *Ante mortem ne laudes quenquam, quia in filijs ſuis agnoſcitur vir.* Antes da morte naõ louueis a ninguem, porque nos filhos ſe vè o varaõ. E ſe por aquella palaura filhos entendeo a Interlineal obras, *In filijs ſuis. i, in operibus ſuis*, & he juſta interpretaçaõ, porque as obras ſaõ as filhas das peſſoas; tambem as obras dos pays ſe vem no procedimento dos filhos: do qual ponto ſe tira hũa boa doutrina, & vniuerſal pera filhos, & pera pays. A qual he, que na materia de virtude he muy bom argumento do filho pera o pay, mas naõ aſsi o he nas materias da malicia: he bom o filho, logo algũa bondade tem o pay, bem ſe ſegue, mas ſe o filho he roim, naõ ſe ſegue, porque ha filhos muito roins de pays muito bons, & ha muito poucos pays roins de filhos bons, ambas as couſas ſe prouaõ juntamente com hum ſó lugar da Eſcritura explicado pelo douto Theodoreto nos Geneſ. cap. 9. conta ali o Spirito Santo de tres filhos, que Noe teue, Sem, Cham, & Iaphet, & acreſcenta falando do ſegundo: *Porro Cham ipſe eſt Pater Chanaan*: & logo ſuccedeo que eſte filho ſegũdo naõ foy bom, porque ás vezes aſsi acontece, porque hũas vezes naõ ſaõ os filhos primeiros bons, & outras naõ o

Eccleſ.11

Interli.

Geneſ 9

saõ os segundos, & algũas, nem huns, nem outros; & neste caso o segundo naõ foy bom, diz pois o Texto sagrado, que este chamado Cham foy o pay de Chanaan, o mesmo he foy pay do roim, porque Chanaan naõ foy nada bom. Repara saõ Theodoreto no modo de falar, & diz. E porque naõ dizeis, este he filho de Noe, senaõ este he o pay de Chanaan? Responde que por lhe arguir claro a sua maldade, porque hum roim, o qual socedeo ser filho de bom, & gerou hum filho peor que elle naõ se ha de chamar filho de seu pay, senaõ pay de seu filho, nem se ha de dizer que sahio a seu pay, senaõ a seu filho; *Solus autem iste non fuit filius, sed sui similis filij Pater*; da qual authoridade se prouaõ ambas as cousas. A primeira que bem pòde nascer filho roim, de pay muito bom, porque Noe foy bom, & Cham foy mao: a segunda que pay mao de filho bom, he cousa rara, porq̃ Cham, & Chanaan, foraõ pay, & filho, & ambos foraõ a qual pior: cõtudo bõs filhos de bõs pays he caso mais ordinario, & que muitas vezes acontece; mas porêm tal bõdade, como a presente da geraçaõ del Rey de Espanha, tambem he bondade rara: & cabelhe hum dito de Xenophonte, louuando a geraçaõ del Rey Agesilao. *Non illos dico priuatos hommes, sed bonos ortos ex bonis, & reges ex regibus*, disse que a geraçaõ de Agesilao fora familia, que sempre mandára, & q̃ lhe vinha o Imperio de muito

Theodo. ibi.

Xenoph. de Agisilao.

longe, assi como tambem lhe vinha a bondade, & a virtude, o qual louuor compete com mais rezaõ a descendencia del Rey de Espanha, mais q̃ aos filhos de Agesilao, bons de bons, & Reys de Reys, & deixados os grandes de Espanha antepassados, falando só dos presentes: ja dous filhos do nosso Monarcha saõ Reys dos maiores dous potentados da Christandade, & os tres merecem o ser, & Deos lhes dará a vẽtura segundo as prendas que tem. A Phenix que de nouo nasce dizem que toma o seu valor das cinzas da Phenix morta. A Catholica Magestade del Rey Phelippe terceiro, esta nossa Phenix noua, boas cinzas tem de que nasça; na fortaleza de seu Visauo Carlos, na prudẽcia de seu Auo Phelippe, & na deuaçaõ, honestidade, & virtude do graõ Phelippe seu pay, na religiaõ incomparauel de Margarita sua mãy. Euge euge Phenix noua, Rey, & Principe soberano.

Depois das virtudes pessoaes da Magestade Catholica que Deos tem, restaua dizer do gouerno, o qual consiste em duas cousas, na felicidade da guerra ajudada per seus conselhos, & na prudencia, & justiça de seus pouos, com a qual se conserua a paz ciuil. Ambas estas cousas mostrou Deos serem necessarias no Principe, quando escolheo a Moyses por Capitaõ, porque diz o Texto santo, que duas cousas lhe entregou, a vara, & as taboas da Ley. A vara cõtra Pharaò, & as taboas pera o gouerno do pouo: o

Exod. 3.

meſmo he pera leuar por rezaõ, & ley a ſeus vaſſallos. Mas antes que lhas entregaſſe, ſegundo ſanto Iſidoro Peloſiota ponderou, em duas couſas o prouou, hũa naquelle brio, & animo com que matou o Egypcio, almoxarife de Pharaó, outra no zelo da paz com que ſe meteo de por meyo, pera aquietar por bem os dous Hebreos que pelejauaõ: eſte ſegundo naõ tem que declarar: no primeiro digo, que o experimentou no brio, com que matou, ou foſſe peccado, ou virtude, porque S. Agoſtinho no liuro 22. contra Fauſtum comparou eſte feito de Moyſes com o feito de S. Pedro, quãdo cortou a orelha a Malcho, & diz, que hũa das experiencias, que o Senhor fez do Apoſtolo, pera lhe entregar a ſua Igreja, foy aquelle feruor demaſiado com que ſe arrojou a ferir os q̃ vinhaõ prender a Chriſto, *Petrus poſt hoc peccatum factus eſt Paſtor Eccleſiæ, ſicut Moyſes poſt percuſſum Ægyptium factus eſt Rector Synagogæ*: porque pera o Principe, Prelado, & Rey he parte neceſſaria o brio da juſtiça, & da vingança de agrauos, ainda que ſeja cõ exceſſo, o que confirmou muy bem Seneca, dizendo: *Sæpe tibi bonam indolem in malis quoque tuis oſtendam.* E falaua em materias de ira; na qual a quebra, ou exceſſo quando ſe atraueſſa algũa injuſtiça, he indicio de boa inclinaçaõ. Digo pois que ſendo experimentado Moyſes aſsi no brio da juſtiça, como no zelo da paz lhe entregou Deos a vara, & as taboas, mas he de

S. Iſidor. Peloſiot. Epiſ. 70

D. Aug. li. 22. cõtra Fautũ. c. 70.

Senec. li. 2. de ira c. 15.

notar

notar que a vara principalmente lhe entregou contra Pharaò, contra os Magos, & Egypcios; & as taboas pera o pouo, pera que saibaõ, que o Rey Catholico, & Christaõ, dos seus ha de pretender matar poucos; mas dos alheos, dos Magos dos Egypcios, dos Mouros, & dos hereges muitos, assi como fez Moyses, o qual por brãdura, & por rezaõ quiz aquietar os Hebreos, mas com o punhal arrancado vingou a tirania dos Egypcios. Tenho por boa authoridade esta pera louuor do nosso Rey, nem mo queira alguem culpar de brando demasiadamente, & dizer que naõ teue vara, porque tenho boa reposta em dizer que a naõ teue contra nos, & naõ he justo accusar o Principe do mal que podia fazer, & naõ fez. A vara que el Rey teue, & boa, foy contra os inimigos da santa fè, sendo felicissimo em vittorias, fazendolhe ainda guerra na paz expellindo os mouriscos de Espanha, auendo estado mais de oitocentos annos nella, ganhou duas forças aos mouros, entraraõ seus exercitos bizarramente contra os hereges de Alemanha, & taõbem entraraõ os seus tisouros, tanto que depois de auer nas emprezas da fè gastado muitos quando Deos o leuou pera si, auia vltimamente despachado sinco milhoẽs, pera emprego da conseruaçaõ das vittorias de Alemanha, do Emperador Augusto seu cunhado, que Deos prospere.

Nem se pòde passar sem encarecimẽto pela obra

da

da expulsaõ dos mouriscos, por ser hũa das mais famosas cousas que ha socedido na Christandade, na qual sua Magestade com rezaõ ganhou muita fama no mundo. Louuando Plutarcho a Alexandre referio hũa fabula, que delle se conta, que estando na conquista de hũa Cidade lhe disseraõ, que auia hum nó cego tecido de muitos nós, feito por encantamento, sem ter principio, nem fim, porque as pontas dos nòs diz que estauaõ todas juntas pera dentro, & deziaõ, que auia tradiçaõ, & prognostico antigo, que aquelle que fosse taó venturoso, que desatasse aquelle nò, auia de ser Emperador do mundo todo; chamauaõ o nò Gordiano. Venceo o Emperador a Cidade, foraõlhe mostrar o templo; vio o nò muy deuagar, & pretendeo desatalo. *Sed soluere desperantem commemorant gladio nexum dißecuiße*: mas naõ o podendo desatar por mais diligencias que fez, dizem que arrancou Alexandre do seu alfange, & cortou o nò pelo meyo, dizendo, tanto monta cortar como desatar. Se lerem a Baronio no Tomo 8. no anno de 713. acharaõ que ouue hũa molher endemoninhada em Roma, na qual falando o demonio triumphou, & se gabou muito de hũa grande obra, que auia feito de meter os Mouros em Espanha por treiçaõ do Conde Iuliaõ. As obras do diabo saõ nós cegos, principalmente as seitas que elle ordena de Paganos, herejes, & infieis, por-

Plutarc. in Alex.

Baron. to. 8. anno. 713.

que a estas chamo nouellos de mentiras empeçados, os quaes com difficuldade se soltaõ, & se desfazem, & tira se este modo de falar de hũa glosa sobre a primeira Canonica de S. Ioaõ, onde falando de Christo nosso Senhor diz. *Hic venit vt dissoluat opera Diaboli.* 1. Ioan. 3 E na verdade a falsidade da seita de Mafoma, & os erros do Iudaismo: saõ hũs nouelos, & hũs nòs cegos, os quaes somente Christo nosso Senhor com a luz de sua misericordia póde soltar. Recorraõ pois as historias de Hespanha, principalmente as que nouamente saõ escritas desta noua expulsaõ, & veraõ quantas diligencias saõ feitas na Igreja santa com o fauor dos Summos Pontifices; zelo, & piedade dos Reys, principalmente do anno de 1250. em q̃ el Rey Dom Iaime conquistador os pretendeo reduzir; & com tudo fora entaõ milhor expellilos, como o Papa Clemente 4. lhe escreueo. *Considera igitur considera quam grauibus sit res plena periculis, sarra cœnorum in tua terra detentio*, & depois que a Coroa de Aragaõ se ajũtou á de Espanha, continuaraõ sempre as diligencias dos Reys Catholicos na conuersaõ, & reduçaõ dos Mouros, trabalhando nisso os Principes com seu fauor, & os Prelados com o seu zelo, & os pregadores Apostolicos com as suas vozes, & argumentos, preualecendo entre todos a voz do insigne Saõ Vicente Ferreira, o qual conuerteo delles mais de oito mil, & de Hebreos vintecinco mil: & todauia por mais

F. Damian. da Fõseca de expulsio. Mauror.

diligen-

diligencias pias que se fizeraõ ate se lhes conceder o baptismo santo no tempo das communidades, naõ poderaõ nunca ser bem reduzidos, nem soltar, ou desdar o nò de suas infidelidades, & malicia. Mas bem aja o nosso Alexandre, chamo a Phelippe terceiro de Espanha, o qual com seu piadoso zelo emprendeo soltar o nò, & porèm achãdoo de todo empeçado sem remedio,& com nouos acometimentos de malicia contra Deos, Republica, & Rey, armado com o zelo da fé, & com a espada do conselho,& justiça,cortou o nó pelo meyo;o mesmo he,sentẽciou, expellio, embarcou, & lançou fóra de nossas prayas mais de quinhentos mil paganos.

Bem se póde celebrar este caso com outro que socedeo a Christo nosso Senhor dia de Ramos, depois de triumphar em Ierusalem, quando a primeira visita que fez, foy ao Templo, & o achou profanado com compras, & vendas, & hũa feira feita nos alpẽdres, feitos regatoẽs,& tratãtes os sacerdotes, porque diz o Texto santo que tomou o Senhor na maõ hum azorrague, & foy ameaçando a hũs, & dando noutros,assi nobres,como plebeos,seculares, & Ecclesiasticos (porque todos estauaõ enuoltos em cobiça) & os foy leuando pela porta fóra:no qual feito ha duas cousas que cõsiderar,hũa o peccado, outra o castigo, hũa quaes foraõ os expellidos, outra o instrumento da expulsaõ; o peccado eraauareza,cobiça,& Sim o- *Matt.21*

ria, & os expellidos eraõ de todo genero de eſtado auarentos,& cobiçoſos, & o inſtrumento foy açoute. *Et cum feciſſet flagellum*: juſto inſtrumento pera auarentos, porque naõ ha ahi vicio, que mais mereça hũs bõs açoutes de Deos, que a cobiça? Por ventura naõ dizem que a cobiça he vicio proprio de velhos? pois os açoutes ſaõ de mininos. Ate o poeta humano conheceo ſer eſte caſtigo digno quando diſſe, *Flagellantur opes, incitamenta malorum*, dizendo que era vicio eſte o qual merecia muy boas palmotreadas, & que ſe abraõ ao auarento as maõs com a palmatoria pera poder dar hũa eſmola. Vejaõ hũa nota boa de Xenophonte entre os louuores que deu a Agiſelao, *Erat illi voluptati turpis quidem lucri auidos pauperes videre, juſtos autem locupletare*, diz que tinha goſto particular o Rey de ouuir quebrar no trato hum auarento; & que nos deſpachos de ſua Corte dezia mal a ſorte, & negocio a hum homem ambicioſo, aſsi como eſtimaua, & trataua de ver os modeſtos, & humildes acrecentados: louuo eſte penſamento do Rey gentio, & bem ſe proua delle, que ſe fóra Rey Chriſtaõ, faria muy boa eſcolha de miniſtros, & proueria no lugar, & Biſpado grande ao Republico maduro, graue, honeſto, virtuoſo, igual, & zeloſo, o qual eſtá ſeruindo a Deos, Rey, & Republica, com ſatisfaçaõ, & pouca pretençaõ, aſsi como deixaria atraz os ambicioſos, & cobiçoſos.

Apud Martialem.

Xenoph. de Agesilao.

A qual obra da ditta expulsaõ pareceo taõ grandemente bem a Saõ Ieronymo, que encareceo, & lhe chamou milagre, antepõdoo aos mayores que Christo fez ate aos famosos milagres da cura dos dez leprosos, do Paralytico da piscina, do cego do nascimento, da resurreiçaõ de Lazaro: *Mihi inter omnia signa quæ fecit Dominus hoc videtur esse mirabilius, quod vnus homo illo tempore contemptibilis, potuerit ad vnius flagelli verbera, tantam ejcere multitudinem, mensas subuertere cathedras confringere, & alia facere quæ infinitus non feciſſet exercitus.* Folguey de ver que o Padre saõ Geronymo daua a esta obra o nome de milagre, porque me fica occasiaõ neste dito pera chamar a esta expulsaõ de que tratamos milagrosa, por onde fazendo a semelhança digo, que se açoutar Christo cobiçosos, & expellilos do Templo, & hum homem só a tantos, foy obra sublime, & heroyca. Tambem a seu modo foy cousa rara, do meyo das entranhas de Espanha (a qual se pòde chamar o templo do mundo, por ser o Emporio da Christandade) do meyo digo deste templo tomar el Rey Phelippe o açoute na maõ, & com elle expellir, desterrar, & embarcar, & lançar fóra de seus Estados, naõ menos de quinhentos mil homens, malfeitores, viciosos, cobiçosos, desleaes, infieis, & paganos, inda que baptizados: obra foy esta muy heroyca, a qual se pòde intitular por mi-

D. Hieronym. li. 3 in Matt. ibi.

lagroſa, por auer ſido rara, & varonil, & muy pia, ſanta, & animoſa reſoluçaõ, a que ſua Mageſtade tomou, em negocio difficultoſo. Tambem ſe póde intitular por milagroſa pela multidaõ dos expellidos, que parece, que ſe naõ podia eſte negocio com humanas forças concluir. E aſsi ſe pòde cuidar que o ajudou Deos com fauor do Ceo; o qual fauor ſe pòde prouar em algũas couſas que ſocederaõ no tempo da ditta expulſaõ, principalmente de hũa vittoria que ſe alcançou de muito numero de mouriſcos, os quaes ſe acolheraõ a hũas ſerras, & ſe puzeraõ em armas, & foraõ vencidos, & deſtruidos veſpera de noſſa Senhora da Apreſentaçaõ 21. de Nouembro de 1611. o qual dia celebra todos os annos a Cidade de Valença com voto publico, & prociſſaõ geral á Virgem noſſa Senhora. Tambem ſe póde prouar o fauor do Ceo com outra couſa que ſocedeo depois da ditta expulſaõ, que foy a tomada de Larache, a qual força foy entrada dos Eſpanhoes aos vinte & hum de Nouembro, na veſpera da meſma Senhora da era de 1612. dahi a hum anno em ponto que auia ſocedido em Valença, o caſo da vitoria dos mouriſcos. E he de notar que ſobre a força de Larache fizeraõ ha muitos annos diligencias os Reys de Eſpanha, por ſer neceſſaria à Chriſtandade, & o meſmo noſſo Rey auia emprendido dantes a entrada

F. Damian da Fõſec. de expulſione Mauror.

della,

della, & todauia naõ foy Deos seruido que a tal força fosse tomada, senaõ depois da ditta expulsaõ, como se ella fosse premio desta obra.

O sermaõ se conclue com a paz, a qual guardou cõ tãto amor de seus pouos sua Magestade sempre, q̃ se póde per accomodaçaõ cãtar delle. *Rex pacificus magnificatus est.* Escreueo elegantemente Sallustio, in Iugurtha, hum cõselho pera os Reys, o qual he q̃ auiaõ de fugir muito de dar algũa occasiaõ de se embaraçarem os vassallos entre si, pelos grandes males q̃ nasciaõ de auer nos Reynos guerras ciuis: *Quis amicior, quã frater fratri, aut quem alium filium inuenies si tuis hostis fueris?* se o irmaõ naõ for amigo de seu irmaõ, como poderá fazer confiança do estranho: & se o Rey naõ for amigo de seu vassallo, como poderá fazer cabedal, do que o naõ he? A Magestade Catholica q̃ Deos tem fez muito cabedal sempre dos seus, & no amor, brandura, & piedade pera seus pouos, foy Principe muy eminente, a ninguem fez mal, a todos honrou, & a muitos acrescentou; donde ganhou pera com todos opiniaõ, & credito de taõ bom Principe, q̃ merecerá em eterna memoria o amor, & lembrãça de seus vassallos, assi como quererà o Senhor que tenha alcançado o premio no Ceo de seus merecimentos, & virtudes, o qual o Senhor nos dè a todos, com muita graça nesta vida, penhor da gloria. Amen.

Sallust. in Iugurtha.

LAVS DEO.